

## **ALÉM DO ARCO-ÍRIS: A INVISIBILIDADE DA CRIANÇA LGBTQIA +**

**Thalita Cristina Conchon de Siqueira**, acadêmica do 4º período do curso de Psicologia da Faculdade UniALFA de Umuarama;

**Rosely Correa do Nascimento**, acadêmica do 2º período do curso de Psicologia da Faculdade UniALFA de Umuarama;

**Débora Mendes Baggio**, docente do curso de Psicologia da Faculdade UniALFA de Umuarama.

### **Introdução**

Contemporaneamente, a diversidade de identidades de gênero e possibilidades afetivas e sexuais são possibilidades de vivências a todas as pessoas, independente de classe social, raça, etnia ou idade. Porém viver essas possibilidades com liberdade e respeito ainda é um desafio, o qual se impõe de maneira ainda mais acentuada quando trata-se de crianças e adolescentes, que frequentemente enfrentam o desafio da invisibilidade de sua existência enquanto sujeito LGBTQIA+.

Para a discussão de tal problemática, este resumo discutirá o processo histórico de constituição da categoria: infância, pois o modo como conhecemos e nos relacionamos com as crianças de hoje, não é o modo como esta relação se deu ao longo da história. Avançando, buscar-se-á olhar para a infância buscando explorar as barreiras, desafios e impactos em suas vidas quando estas fogem do padrão heteronormativo, destacando as consequências deste processo em seu desenvolvimento.

### **Materiais e Métodos**

O procedimento metodológico eleito foi a pesquisa bibliográfica qualitativa. A qual, segundo Rohregger (2020), é realizada por meio do levantamento de materiais já publicados, exigindo uma seleção dos referenciais teóricos. A partir disso, por meio da leitura crítica, desenvolveu-se uma relação contrapondo as conclusões e informações obtidas.

### **Resultados e Discussão**

## **A construção social da infância**

Uma teoria que marcou durante muito tempo as atitudes e práticas relativas às crianças e sua educação seria a da *tábula rasa*, que segundo o filósofo John Locke (1632 - 1704) o ser humano recém-nascido seria como uma espécie de superfície em branco, na qual os adultos poderiam escrever aquilo que julgavam necessário ao seu desenvolvimento. Frota (2007) detalha que no transcorrer da história alguns filósofos formularam diversas ideias a respeito das crianças.

Segundo os estudos iconográficos de Phillippe Ariés (1986), no início da Idade Média, até meados do século XVII, a infância era ignorada, participavam do mundo dos adultos de maneira igualitária, não se tinha uma linguagem específica para com as crianças, tampouco intimidade, exemplificando o autor que o uso da mesma cama, entre adultos e crianças, consistia num hábito comum. Todo o trabalho de análise deste período, desenvolvido por Ariés, foi realizado por obras artísticas, e o mesmo cita que em pinturas as crianças não eram retratadas, e quando eram, traziam-na como um mini adulto, sem características de crianças

No final do século XVIII e início do XIX, a percepção que até então se tinha da criança foi gradualmente se modificando e a concepção de infância como uma etapa distinta da vida se consolidou na sociedade. A criança da atualidade, pelas condições materiais e simbólicas presentes na nossa sociedade, encontram-se dependentes do adulto, não responsáveis jurídica, política e emocionalmente. A criança construída a partir de referências da modernidade, vai à escola, brinca, mora com a família, idealmente é feliz e não tem responsabilidades (Castro, 1998; Leite, 2000). A concepção da infância como um período de descobertas, aprendizados e formação de identidade estaria ligada à necessidade de garantir uma sociedade segura e acolhedora para todas as crianças, idealmente incluindo aquelas que fazem parte da comunidade LGBTQIA +.

## **Quebrando tabus: a comunidade LGBTQIA+**

A sigla LGBTQIA + engloba uma diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, representando uma ampla gama de experiências e vivências que desafiam as normas heteronormativas e binárias que moldam as estruturas sociais (Facchini; França, 2009). Sendo assim, as letras significam, respectivamente, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e o símbolo + é utilizado para representar uma infinidade de outras identidades de gênero e orientações sexuais que não estão explicitamente incluídas na sigla principal, visando abranger todas as experiências humanas para além da heteronormatividade.

O movimento LGBTQIA+ no Brasil, alcançou importantes conquistas no reconhecimento dos direitos humanos, dentre os quais também destacam-se: incluiu no Código de Ética dos Jornalistas a proibição de discriminação por orientação sexual; a realização no Brasil da 17ª Conferência da Associação Internacional de Gays e Lésbicas; as uniões estáveis e de afeto, tal como as relações entre heterossexuais, com a justa igualdade que se espera; o direito à adoção de crianças e adolescentes (Simões; Facchini, 2009).

A ideia de que ser LGBTQIA+ é por si só uma parte fixa da identidade de um indivíduo foi, e ainda é usada erroneamente, atrelada a concepção da homossexualidade como doença. A comunidade traz consigo o sentimento de pertencimento, e busca o reconhecimento do direito à existência livre para todas as pessoas, incluindo crianças e adolescentes.

### **A criança LGBTQIA + e sua invisibilidade**

Segundo Louro (2008), os temas de gênero e sexualidade são construídos na sociedade simultaneamente, por inúmeras práticas, que são direcionadas para as crianças e adolescentes por meio de várias instâncias sociais e culturais, como a escola, a família, a igreja, mídias sociais entre outros espaços. Isso possibilita múltiplos atravessamentos dessas questões em suas vidas, e compreendendo que nossas instituições são forjadas pelo cumprimento da norma, a forma como tais assuntos chegam nos sujeitos, é pela padronização.

A família e a escola, principais agentes de socialização de crianças e adolescentes, são espaços de convivência compulsória para estes até 18 anos no Brasil, de acordo com nossas leis regulamentadoras. Nesse sentido, nestas instituições em que são socializados, o controle de sua(s) sexualidade(s) se torna uma “tecnologia de governo”. Pois a afetividade e sexualidade funciona como um marcador desses sujeitos enquanto jovens, e, portanto, algo que deve ser investido e controlado (Louro, 2008).

Retomando a história social desta categoria: crianças, podemos supor que a criança LGBTQIA+ retorna ao estado da criança medieval, ou seja, não é vista em sua especificidade e concretude, tendo sua existência negada pela própria dificuldade da sociedade em compreendê-la e visualizá-la enquanto um sujeito humano, com características próprias.

Compreende-se que a invisibilidade da criança LGBT, está alinhada a um processo histórico, em que a criança, enquanto categoria social também foi invisível. Depreende-se que enquanto sociedade tivemos dificuldade para o reconhecimento da criança enquanto sujeitos, e hoje, mesmo que a infância tenha sido colocada num lugar específico de saber e agenciamento de práticas, não podemos incluir todas as crianças nesta possibilidade de cuidado. Ainda temos grupos, dentro da categoria infâncias, que continuam a margem, seguem invisíveis, tendo seus desejos e particularidades negados, pelo não cumprimento da norma de ‘ser criança’, pura e assexuada.

### **Considerações finais**

Julgamos importante a reflexão e discussão sobre a criança concreta, e sobre as demandas desta. Sair da naturalização sobre a infância e o processo de desenvolvimento desta, pode nos trazer o reconhecimento da experiência plural de ser criança no mundo, criança preta, branca, pobre, rica, indígena (...) e a criança LGBTQIA+.

Ao explorarmos as nuances dessa realidade complexa e muitas vezes negligenciada, vemos a urgência de ações concretas e coordenadas por parte do Estado, no desenho de políticas públicas em conjunto com a sociedade, na

busca efetiva de enfrentar o silêncio da invisibilidade e dar voz à diversidade que enriquece nossa sociedade.

## Referências

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CASTRO, L. R. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau, 1998.

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. **De cores e matizes**: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana, n. 3, 2009.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência**: a importância da historicidade para sua construção. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 17 jul. 2024.

LEITE, C. D. P. **“Mosaico: Os Múltiplos Olhares da/na Sala de Aula”**. In: Leite, C. D. P. (org). Educação, Psicologia e Contemporaneidade. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e Sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Proposições, v.19,n.2 (56), maio/ago, 2008.

ROHREGGER, Roberto. **Metodologia da Pesquisa Teológica**. Curitiba. Contentus, 2020.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2009.